

# REPRESENTAÇÕES RUPESTRES EM CAVERNAS ARENÍTICAS DE RURÓPOLIS, PARÁ: UMA PRIMEIRA APROXIMAÇÃO

Luiz Eduardo Panisset Travassos<sup>1</sup>

Bruno Durão<sup>2</sup>

Aécio Rodrigo Schwertz Motta<sup>3</sup>

## INTRODUÇÃO

A região da Amazônia Legal brasileira é alvo de pesquisas das mais diversas que vão desde os estudos de solo, vegetação e produtos de origem florestal às pesquisas referentes ao estudo da fauna e flora amazônica. Salvo os estudos referentes às cavernas em formações ferríferas de Carajás (PA) e os estudos das cavidades em quartzito dos Tepuis venezuelanos, pouco se tem divulgado sobre o trabalho realizado por espeleólogos em cavidades carbonáticas e areníticas da região.

Assim sendo, o presente trabalho tem por objetivo registrar, academicamente, as representações rupestres de 6 cavernas areníticas da região do Pará. Para isso, durante a observação *in situ*, procedeu-se com o registro digital dos painéis completos, bem como dos motivos individualmente. Dessa forma, posteriormente, será possível realizar decalques ou cópias digitais das pinturas conforme proposto por Aguiar e Oliveira (2010). Destaca-se que tais cavernas já eram conhecidas pelos moradores da região, principalmente por causa da dedicação da Sra. Erismar de Souza Silva que há décadas tem visitado tais cavidades naturais subterrâneas. A partir de 2011, tais descobertas passaram a ser sistematicamente registradas por Motta, sócio da Sociedade Brasileira de Espeleologia (SBE).

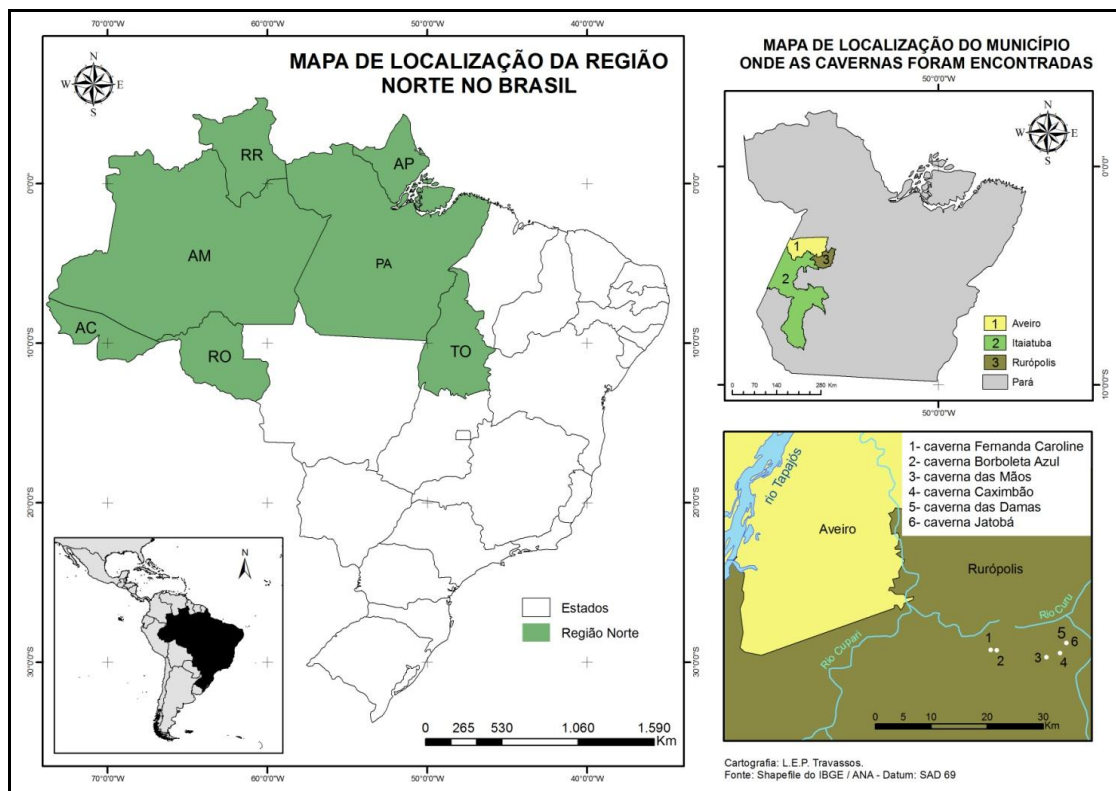
Até o fechamento deste trabalho, o Cadastro Nacional de Cavernas da SBE contava com 616 cavidades registradas. Destas, 72 foram cadastradas por Motta no município de Rurópolis e apenas 6 contam com expressivos registros rupestres. Assim sendo, as missões de campo tiveram como objetivo principal a identificação e

registro das representações rupestres feitas em seis cavernas areníticas, a saber: caverna Jatobá (PA-326), caverna das Mãos (PA-329), caverna Borboleta Azul (PA-332), caverna Fernanda Caroline (caverna do 110/PA-336), caverna Caximbão (PA-431) e caverna das Damas (PA-466). Mesmo tendo em vista o estudo exploratório das cavernas, é possível concluir que os sítios visitados possuem características diferentes das registradas por Pereira (2003) sendo, a princípio, únicos na região. Destaque deve ser dado à caverna das Mãos por apresentar pinturas rupestres que foram realizadas na zona afótica da caverna, fato raro, senão único no Brasil. As demais cavernas apresentam a arte rupestre em zona disfótica ou de penumbra, fato que também merece destaque.

### **Área de estudos**

As cavernas estão localizadas dentro dos limites do município de Rurópolis no estado do Pará. De acordo com a Vasquez, Sousa e Carvalho (2008), a geologia regional é representada por rochas paleozóicas recobertas por densas áreas de floresta amazônica. Em escala local, de maneira geral, a região das cavernas apresenta arenitos, folhelhos e siltitos. O acesso à região de estudos se dá a partir de Belém em direção à Santarém e, por fim à Itaituba, por via aérea, terrestre ou fluvial. Inserida na bacia hidrográfica do Amazonas, a principal drenagem regional é o rio Tapajós, afluente da margem direita do rio Amazonas. Partindo de Itaituba, o acesso às cavidades é feito por via rodoviária pela Transamazônica e, obviamente, por trechos feitos a pé.

Figura 1 - Mapa de localização das cavernas e da área de estudos.



## Geologia simplificada da região

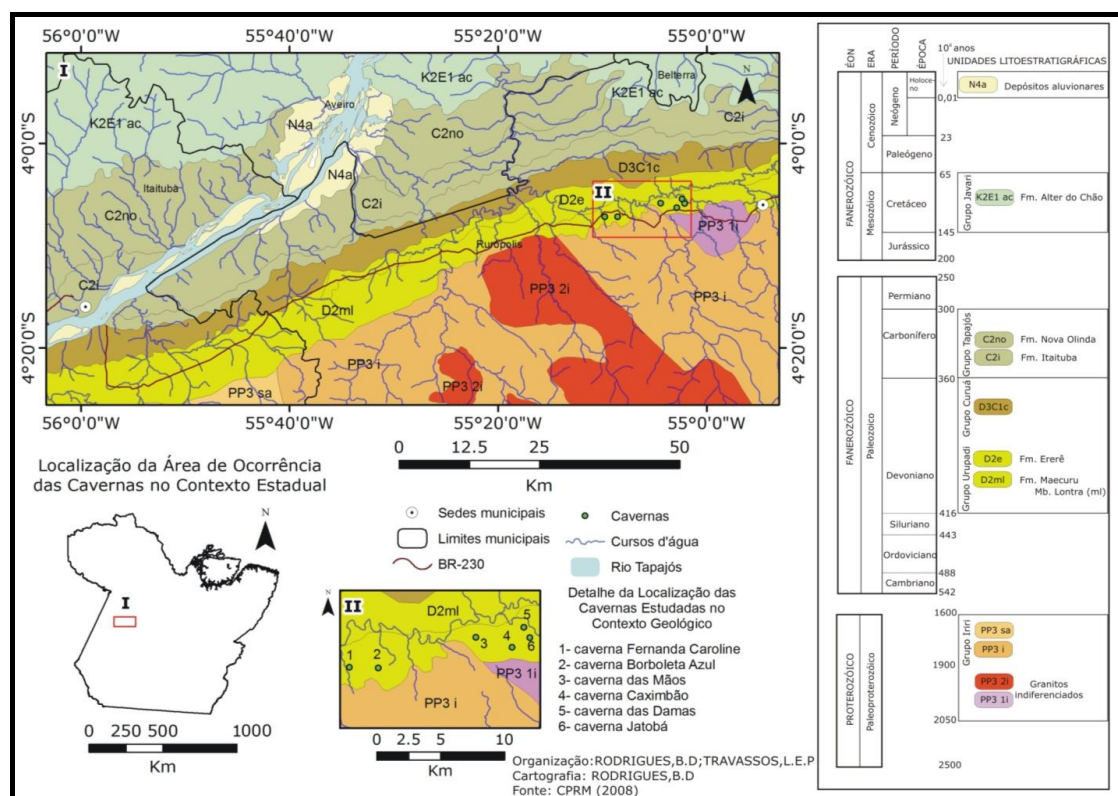
De acordo com Costa e Hasui (1997), a história geológica da bacia do Amazonas é marcada por diferentes unidades litológicas e estruturais originadas por diferentes processos decorrentes da ação termo-tectônica, bem como extensas fases deposicionais que se desenvolveram do Arqueano ao Holoceno, contidos num intervalo temporal de aproximadamente 3,2 Ga.

A região do presente trabalho está localizada entre os municípios de Itaituba e Rurópolis, na porção oeste do Pará. Tomando-se por base o rio Amazonas, pode-se dizer que a área de estudos está localizada nas terras drenadas à sua margem direita, tendo como drenagem regional, o rio Tapajós.

Geologicamente encontra-se no domínio tectônico da Província do Amazonas, próximo ao limite do contato com a Província Tapajós-Parima situados na borda meridional da região cratônica amazônica. Mantidas as devidas proporções, a região é uma síntese fracionada da história geológica amazônica uma vez que nesta são encontradas litologias da ordem de 2 Ga, como os granitos indiferenciados encontrados no entorno da sede do município de Rurópolis e nas adjacências da rodovia Transamazônica. Compõem assim, as rochas do embasamento continental. Destaca-se, ainda, que as camadas litológicas originadas no Paleoproterozóico são encontradas rochas do Grupo Iriri formadas a partir do intenso magmatismo intra-continental ocorrido entre 1,9 e 1,8 Ga. Ressalta-se a Formação Salustiano (PP3 sa) composta por riolitos, dacitos em derrames de lavas e também depósitos auríferos (VASQUEZ; SOUZA; CARVALHO, 2008). Por causa destes depósitos auríferos, Faraco, Carvalho e Klein (1997) elaboraram a Carta Metalogenética da Província Aurífera do Tapajós.

A área sobre a qual as cavernas estão inseridas destaca-se que são as rochas elaboradas a partir da deposição sedimentar. Em linhas gerais, segundo Vasquez, Souza e Carvalho (2008), a região é recoberta por rochas sedimentares formadas entre o período Devoniano ao Cretáceo (416 a 65 milhões de anos) e com a gênese atrelada a processos flúvio-lacustrinos, flúvio-deltáicos, flúvio-eólicos e a ambientes marinhos, glaciais, de planícies de maré e flúvio-deltáicos. As ocorrências litológicas mais comuns são os arenitos, folhelhos, siltitos, lentes de calcário, evaporitos, pelitos e conglomerados. A este pacote sedimentar estão atrelados os Grupos Urupadi (D2e e D2mi), Curuá (D3c1c), Tapajós (C2i e C2 no) e Javari (K2E1 ac). Merecem destaque os folhelhos, siltitos e arenitos do Grupo Urupadi, originários de processos sedimentares flúvio-deltáicos (VASQUEZ; SOUZA; CARVALHO, 2008) e que tem como Formações significativas a Ererê (D2e) e a Maecuru, esta última com o Membro Lontra (D2mi) onde as cavernas do presente estudo estão localizadas. Por fim, depósitos aluvionares (N4a) holocênicos estão localizados às margens do rio Tapajós e também na base das ilhas fluviais deste rio, entre os municípios de Itaituba e Aveiro (Figura 2).

Figura 2 - Mapa geológico da área de estudos com a localização das cavernas pesquisadas.



## Geomorfologia, fitogeografia e usos da terra

De acordo com os dados do projeto RADAM (1975), Folha Tapajós SB-21 a região de ocorrência das cavernas areníticas está sob o domínio morfoclimático dos Planaltos Amazônicos Rebaixados, na subunidade dos Planaltos Rebaixados do Médio Amazonas. As formas dominantes são caracterizadas por colinas dissecadas de topo aplainado resultantes de processos de pediplanação pleistocênica (VENTURA; D'ÁVILA; BARBOSA, 1975, p.134), conforme observado na figura 3.

As formas derivadas da geomorfologia são recobertas pelas formações da Floresta Tropical Densa, também, sinonimicamente denominada Floresta Ombrófila Densa (TERESO et al., 1975, p.307). A Floresta Ombrófila Densa da região de ocorrência das cavidades, segundo Nimer (1979), está inserida no domínio climático Tropical Quente do subdomínio úmido com um período seco anual variando de 2 a 3

meses. As temperaturas médias anuais são superiores a 20°C e precipitação anual em torno de 1754 mm na sede do município de Itaituba (TERESO et al., 1975, p.320-321).

Figura 3- Colinas dissecadas de topo aplainado



Foto: Bruno Durão Rodrigues, 2012.

No domínio da Floresta Ombrófila Densa e em especial da região de ocorrência das cavidades, ocorrem variações ecossistêmicas definidas por Tereso et al. (1975) como as Florestas Ombrófilas Submontana que são caracterizadas por possuírem uma cobertura florestal baixa (se comparadas a outras variações ecossistêmicas) com o dossel variando de 10 a 25 metros de altura (TERESO et al., 1975, p.306).

Com relação aos usos da terra, as Florestas Ombrófilas Submontanas vêm cedendo espaços à pecuária extensiva (figura 4) e também ao extrativismo vegetal, principalmente nas áreas das baixas vertentes. As altas e médias vertentes, de maneira geral, ainda se encontram preservadas; locais estes de ocorrência das cavidades.

Figura 4- Pecuária extensiva nas áreas de Floresta Ombrófila Submontana



Foto: Bruno Durão Rodrigues, 2012.

### **As Cavernas e suas Representações Rupestres**

Ao longo da história da humanidade, desde os primórdios do Homem, as cavernas tem desempenhado um importante papel na proteção contra as intempéries. Ao se abrigarem em tais espaços, muitos grupos humanos deixavam registros de sua ocupação na forma de vestígios arqueológicos como material lítico, cinzas de fogueiras, ossos, pinturas, grafismos e outras representações rupestres.

Para Bahn (2004a) embora a maior parte da arte rupestre pré-histórica ocorra em abrigos rochosos pouco profundos e iluminados, é possível afirmar que também existem importantes conjuntos mundiais encontrados em zonas afóticas, no interior das cavernas. O autor cita diversas cavernas encontradas na Europa com pinturas datadas da Era do Gelo da Eurásia. Na Noruega, por exemplo, pinturas foram encontradas no interior de várias cavernas e foram datadas em cerca de 3.000 anos atrás.

Tal fenômeno não é exclusivo da Europa e uma série de cavernas da Austrália, Tasmânia, Nova Guiné, Borneo, China e América do Norte apresentam uma profusão de arte rupestre dentro das cavidades e não somente na zona eufótica e disfótica. Greer e Greer (1998) afirmam que existem mais de 31 sítios com arte rupestre na zona afótica na América do Norte, 22 no México e mais de 100 em

Cuba, entre outros países. Os autores também afirmam que alguns painéis, mesmo que sejam iluminados pela luz das claraboias, somente são encontrados após o percurso por condutos em zona afótica com o uso de luz artificial. Stone (1995) registrou inúmeros exemplos de arte rupestre em zona afótica em Yucatan (México), Guatemala e sul do Belize atribuindo a tais registros significado sagrado.

Para Bahn (2004a), devido ao fato de que normalmente as cavernas são tidas como lugares misteriosos e ameaçadores, o público em geral atribui caráter mágico, esotérico, secreto e ritualístico à arte rupestre. Devido ao fato de muitos destes registros terem sido feitos em sítios mais "abertos" como os abrigos sob rocha ou paredes com incidência constante de luz, pinturas que são feitas na escuridão total das cavernas são consideradas mais "importantes" pois, nas palavras de Bahn (2004a), foram feitas de forma mais privada. Além disso, destacamos que deve ter sido necessária a geração de iluminação artificial por meio do uso do fogo. Faulkner (1997) destaca a *Crumps Cave* com glifos realizados em sedimentos argilosos (*mudglyphs*) a cerca de 1.000 metros da entrada.

É conhecido, por meio da literatura internacional, que os Mayas utilizavam as cavernas para rituais que muitas vezes eram realizados após longas jornadas em direção ao seu interior. Para Bahn (2004a), a escuridão total, o silêncio total, a perda do senso de direção, as mudanças de temperatura e as sensações claustrofóbicas poderiam ser os motivos que levavam o homem primitivo ao interior destes espaços para se expressarem ou realizarem seus rituais.

De acordo com Bednarik (2004a), o estudo da arte rupestre nas cavernas europeias é tido como oficialmente iniciado em 1879, com a descoberta da arte paleolítica de Altamira, Espanha. A partir de então, outros estudos passaram a ser realizados. Entretanto, sabe-se que o registro de sua existência não é recente. Em 1458, o Papa Calisto III, havia decretado que as cerimônias religiosas realizadas na "caverna espanhola com pinturas de cavalos" teriam que acabar. Portanto, tais pinturas já eram conhecidas na Idade Média, ainda que não de forma científica. Bahn (2004b) afirma que, na Europa, muitas pinturas foram encontradas em locais



menos "públicos" denotando uma motivação religiosa para sua execução por estarem ligadas a uma complexa mitologia e, portanto, uma única explicação não é possível para decifrá-las.

Em relação à profundidade com que as pinturas foram feitas na América do Sul, Stone (2004) afirma que os exemplos mais antigos ocorrem em abrigos sob rocha areníticas de 10 a 20 metros e nenhum dos registros da literatura dão conta de pinturas na zona afótica ou totalmente escura das cavernas até o momento. Até mesmo a *Cueva de las Manos*, na Patagônia argentina, possui suas pinturas de cerca de 7.000 anos feitas em zona iluminada pela luz natural. Ainda para Stone (2004), em relação às Américas, somente na América do Norte (Tennessee e Kentucky) foram encontradas pinturas rupestres de 1.600 a 1.000 anos localizadas na zona afótica. Os conjuntos rupestres foram feitos na lama ou sedimento das paredes, bem como na forma de incisões na rocha, assim como as cavernas pesquisadas no Pará.

Um importante registro de pinturas rupestres em zona de penumbra no Brasil foi feito por Leite (1990; 1992). Destaca-se que em seu estudo a autora afirma que no "painel VIII", as figuras só podem ser visualizadas com clareza quando "uma luz forte incide sobre elas" (LEITE, 1992, p.433-434). Em outro caso, no Pará, Pereira (2003, p. 148) afirma que o mesmo ocorre na Gruta do Pilão localizada em Monte Alegre que, mesmo com a necessidade de iluminação artificial para identificar as pinturas, o local não é totalmente escuro. Assim sendo, tais exemplos nos levam a crer que tais grafismos não foram feitos em zona totalmente escura ou afótica como os da caverna das Mãos que estão a cerca de 350 metros da entrada.

### **Arte rupestre na Amazônia**

Estudos sobre a arte rupestre na Amazônia têm sido realizados desde os primeiros viajantes que por lá passaram nos séculos passados, conforme destaca Prous (1993). Tal afirmativa é compartilhada por Pereira (2003; 2006) quando

menciona a existência das crônicas e dos relatos de viajantes e missionários que chegaram à região nos primeiros anos do início da colonização. Pereira (2006) destaca observações históricas na Amazônia datadas de 1656 e que foram realizadas pelo padre João de Sotto Maior. Segundo a autora, tal registro é, talvez, o segundo mais antigo do Brasil e o primeiro da região norte do país.

Outros trabalhos de identificação se seguiram até o período que Pereira (2003; 2006) denomina de primeiras tentativas de síntese e das primeiras interpretações. Travassos (2010) lembra do papel desempenhado por Spix, Martius e Humboldt para o registro cultural de cavernas e abrigos rochosos. Assim sendo, Spix e Martius descreveram as inscrições rupestres no Amazonas, na cachoeira de Araracoara e Humboldt, as gravuras na caverna de Uruana, na Amazônia venezuelana (HUMBOLDT, 1827, p.594). Em 1800 Alexander Von Humboldt visitou a caverna de Uruana junto ao padre Ramón Bueno. Tal caverna estava coberta com “várias figuras ou (como ele diria em português) verias letras.” (HUMBOLDT, 1827, p.594). Para o naturalista, os caracteres descobertos pelo padre Ramón aproximam-se daqueles de um alfabeto, entretanto, Humboldt ainda possuía “muitas dúvidas a esse respeito.” (HUMBOLDT, 1827, p.595).

Quanto ao desenvolvimento desses petroglifos em granito e não em calcário, Humboldt fez a seguinte observação: “seja qual for o significado dessas figuras e por mais que tenham sido traçadas sobre granito, não são menos dignas de mérito, pois fazem parte da história filosófica de nossas espécies.” (HUMBOLDT, 1827, p.595). São, portanto, antigos objetos de curiosidade dos cientistas.

De acordo com Pereira (2003, p. 23; 2006, p. 77), somente em fins da década de 50 com o trabalho de Meggers e Evans (1957) foram lançadas as bases para o desenvolvimento de uma arqueologia científica na Amazônia brasileira. Desde este período, Pereira (2003; 2006) nos apresenta um significativo estudo sobre a evolução da história da pesquisa científica sobre a arte rupestre na Amazônia. Vale a pena destacar que a tradição Amazônica das inscrições rupestres se caracteriza, principalmente, por figuras antropomorfas completas ou só com a cabeça. Em outros

casos, braços e pernas são representadas a partir de formas angulares, podendo ser assexuadas ou com identificação de gênero (PEREIRA, 2006, p. 88).

### **Descrição das cavernas de Rurópolis e suas representações rupestres**

Conforme destacado na introdução, sabe-se que as cavernas do Pará são desenvolvidas em formações ferríferas, em carbonatos, quartzitos e em arenitos. Até o momento, somente as cavernas areníticas do baixo Tapajós apresentaram pinturas, incisões e grafismos executados na rocha, perfazendo um significativo conjunto rupestre. A seguir, as cavernas serão descritas no tocante a sua litologia, localização, desenvolvimento aproximado e registros rupestres. Buscou-se seguir a ordem de registro no Cadastro Nacional de Cavernas (CNC), da Sociedade Brasileira de Espeleologia (SBE):

- ***Caverna Jatobá***

A caverna recebe seu nome devido à presença de um imponente Jatobá em frente à sua entrada. Localiza-se em um ramal da Rodovia Transamazônica, no Km-110, sentido Itaituba/Rurópolis. Nas coordenadas 04°08'16" S e 55°51'59" W, desenvolve-se por cerca de 500 m nos arenitos da Formação Maecuru, Membro Lontra (D2ml). As representações rupestres são incisões na rocha e de difícil interpretação. É possível identificar bastonetes ou barras paralelas que formam figuras geométricas, linhas, bem como um espécie de "Sol" (?) ou "estrela" (?) que podem ser vistos.

Figura 5 - Incisões na caverna Jatobá. As incisões na forma de uma "estrela" no centro da foto possuem cerca de 20 a 22 cm.

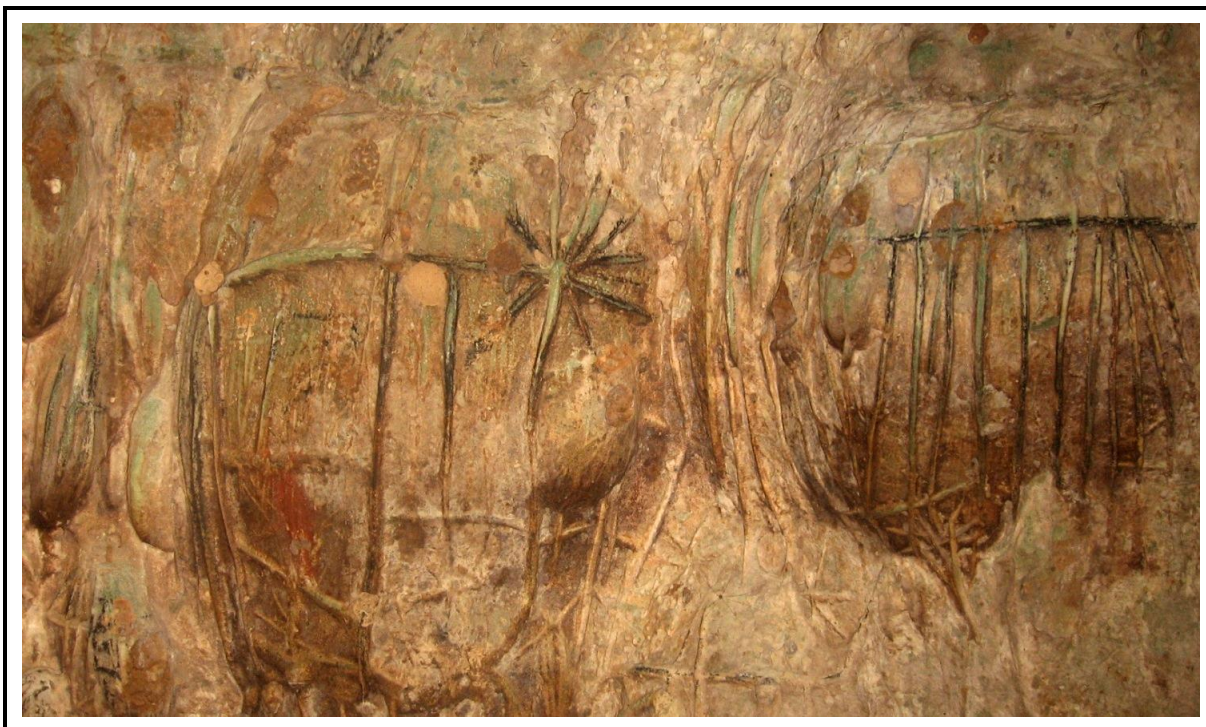


Foto: Rodrigo Motta, 2010.

- ***Caverna das Mãos***

A caverna das Mãos recebe seu nome, obviamente, pelas "mãos" impressas em suas paredes. Localizada no Km-120 da rodovia Transamazônica, sentido Itaituba/Rurópolis é, talvez, a caverna mais importante da região. Sob as coordenadas 4°9'23" S e 55°4'19" W, desenvolve-se por cerca de 800 metros nos arenitos da Formação Maecuru, Membro Lontra (D2ml).

A caverna possui duas entradas: uma principal e outra secundária a partir de um abatimento. Na entrada secundária é possível identificar dois painéis com gravuras rupestres, um em frente ao outro e ambos em zona disfótica (penumbra). Não possuem o mesmo estilo ou tradição e, portanto, é possível inferir que tenham sido feitos em períodos diferentes de ocupação da caverna. Os motivos do painel das gravuras apresenta grande profusão de zoomorfos que podem ser relacionados

com aves, répteis, peixes e até mesmo um mamífero, talvez um peixe-boi (Figuras 6 e 7).

Pela outra entrada da caverna, seguindo um pequeno curso d'água por cerca de 350 metros, é possível identificar os conjuntos de pinturas rupestres com as mãos em positivo nas paredes. A importância da caverna, além de sua própria geologia e todo o conjunto rupestre em si, é aumentada pelo fato das pinturas terem sido feitas na zona afótica, totalmente sem incidência de luz natural. Infere-se que para sua realização, o indivíduo ou grupo que as pintou deveria dominar o fogo e saber manejá-lo até o interior. Por vezes, o caminho até os painéis se dá por condutos meandantes, bem como por seções de teto baixo (Figuras 8, 9 e 10).

Tal configuração vai de encontro ao que Greer e Greer (1999; 2002) afirmam ser comuns ao se estudar a arte rupestre em zona afótica. A dificuldade de acesso para se chegar ao lugar do ritual é considerado necessário para esses tipos de sítios. Em algumas cavernas com registro de arte rupestre em zona afótica também é possível identificar pegadas que foram preservadas sobre os sedimentos argilosos. Cerca de 274 pegadas bem preservadas foram registradas por Toner (2009) na caverna do Jaguar, na região centro-norte do Tennessee, Estados Unidos. No caso da caverna das Mãos, em Rurópolis, tal fato é extremamente difícil de ocorrer devido à presença do curso d'água subterrâneo.

Figura 6 - Aspecto geral do primeiro painel da segunda entrada das cavernas das Mãos. A escala da IFRAO no centro da foto possui 10 cm.



Foto: Luiz E. P. Travassos, 2012.

Figura 7 - Detalhe de algumas das imagens do painel da figura 3.



Foto: Bruno Durão Rodrigues e Luiz E.P. Travassos, 2012.

Figura 8 - Primeiro painel. Apresenta concreções ou espeleotemas sobre as pinturas. Da esquerda para a direita é possível identificar figuras geométricas, um antropomorfo e as mãos em positivo. A escala da IFRAO no centro da imagem possui 10 cm.

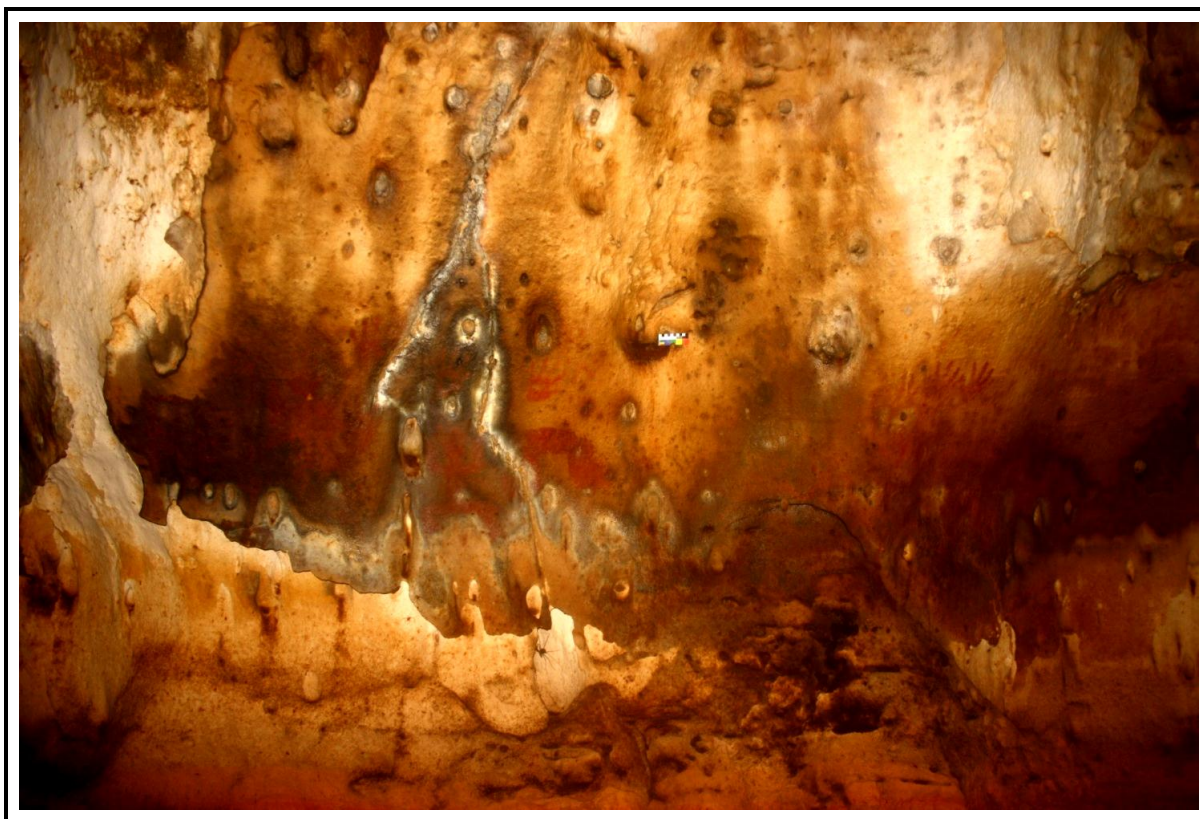


Foto: Luiz E. P. Travassos, 2012.

Figura 9 - Detalhe das mãos em positivo do primeiro painel

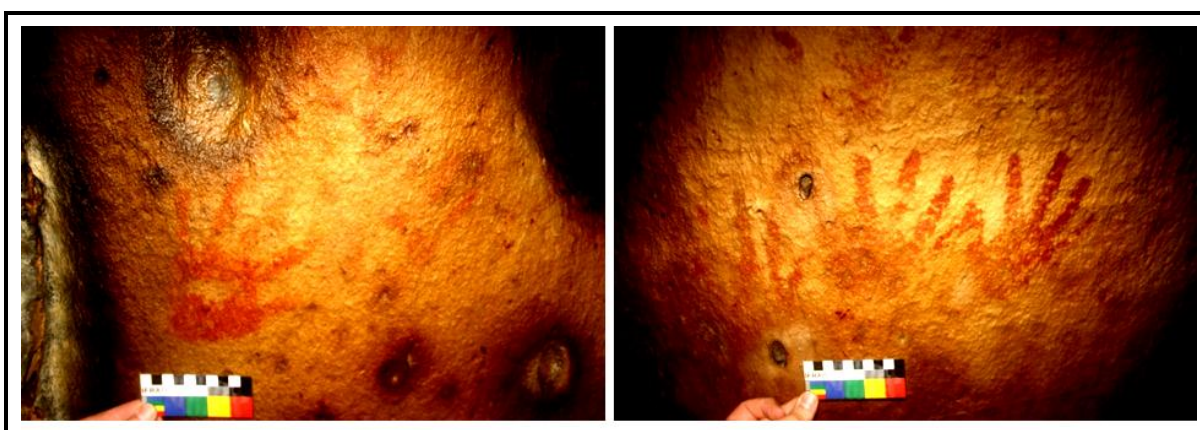


Foto: Luiz E. P. Travassos, 2012.

Figura 10 - Detalhe das mãos em positivo do primeiro painel. Para chegar a esse painel é preciso passar por um pequeno trecho de teto baixo de cerca de 90 cm. As pinturas estão a cerca de 90 cm do chão.



Foto: Luiz E.P. Travassos, 2012.

- ***Caverna Borboleta Azul***

Localizada próxima ao Km-110 da Rodovia Transamazônica, sentido Itaituba/Rurópolis, sua entrada está nas coordenadas 4° 9' 9" S e 55° 9' 44" W. Possui desenvolvimento horizontal de cerca de 6,62 m a partir da boca do abrigo, 4,6 m em sua porção mais alta e largura de 5, 20m nos arenitos da Formação Maecuru, Membro Lontra (D2ml). Recebeu o nome devido à presença de uma borboleta azul, comum na região, no interior do abrigo no momento de seu registro para a SBE. Sua característica principal são as incisões nas paredes da caverna. Assim como na caverna Jatobá, as incisões são de difícil interpretação (Figura 11). As incisões estão a cerca de 50 cm a 1,60 m do chão da caverna. Destaca-se que o local é propício para ter sido utilizado como abrigo ou habitação. Entretanto, somente escavações devidamente autorizadas e feitas por arqueólogos podem confirmar isso.



Figura 11 - Detalhes das incisões na caverna Borboleta Azul. A escala da IFRAO é de 10 cm.

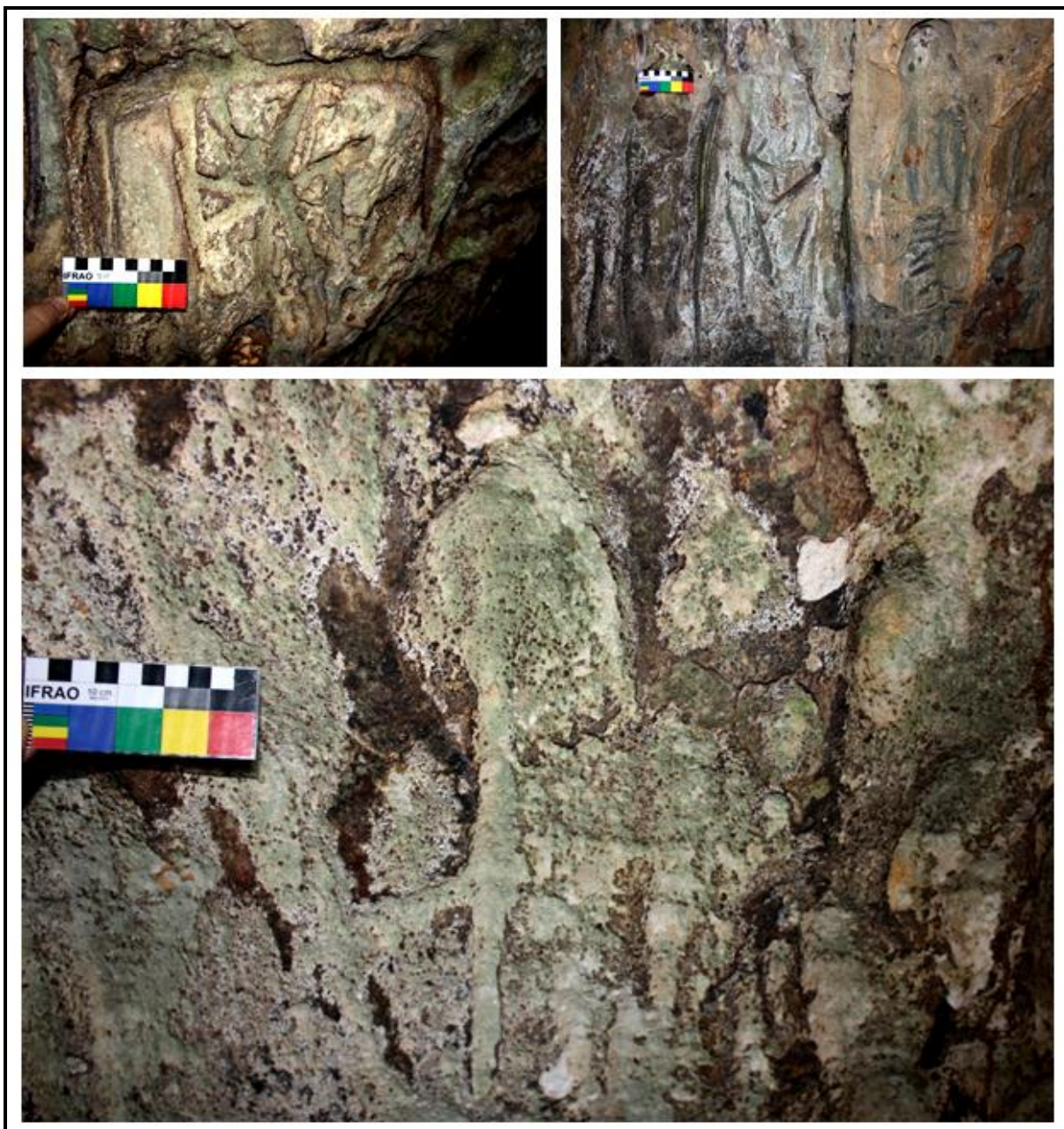
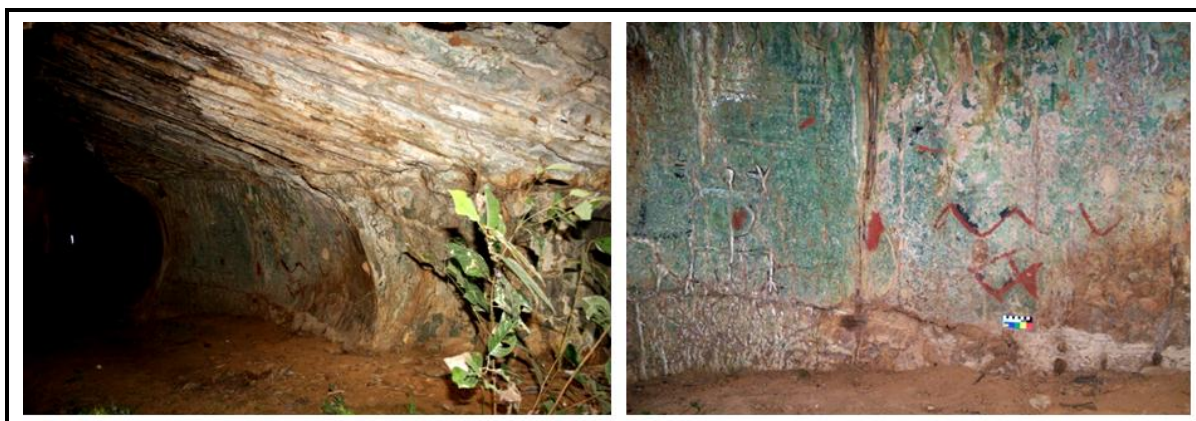


Foto: Luiz E. P. Travassos, 2012.

- ***Caverna Fernanda Caroline / Caverna do 110***

Localizada no Km-110 da Rodovia Transamazônica, também localizada no sentido Itaituba/Rurópolis, possui as coordenadas 4°09'7.38" S e 55°9'41.76" W. Possui duas entradas e a luz natural incide nos painéis mais próximos da entrada. Desenvolve-se por cerca de 15 metros nos arenitos da Formação Maecuru, Membro Lontra (D2ml). Possui antropomorfos em pigmento preto, bem como um zoomorfo identificado como um peixe e linhas na cor vermelha com detalhes em preto (Figura 12). Provavelmente uma cobra (?). Incisões nas paredes também foram realizadas e lembram antropomorfos. O detalhe das "mãos" e "pés" com três e quatro "dedos", respectivamente, lembram imagens descritas por Pereira (2003). Um outro painel se destaca por utilizar pelo menos duas cores no mesmo desenho ou figura. Outro painel com antropomorfos em pigmento preto são identificados e foram feitos em zona de penumbra e de difícil iluminação natural (Figura 12). Em frente a esse painel, outro existe e apresenta imagens geométricas de difícil interpretação (Figuras 13, 14 e 15). Assim como a caverna da Borboleta Azul, o local é propício para ter sido utilizado como abrigo ou habitação. Novamente, somente escavações devidamente autorizadas e feitas por arqueólogos podem confirmar isso.

Figura 12 - Painel próximo à entrada. Na imagem à direita é possível identificar as incisões e pinturas, provavelmente, de ocupações diferentes.



Fotos: Luiz E.P. Travassos e Bruno Durão Rodrigues, 2012.

Figura 13 - Painel com cerca de quatro antropomorfos em pigmento preto: três ao centro e um no canto inferior direito. Na imagem à esquerda, detalhe do antropomorfo mais visível com pernas e pés exagerados em relação ao resto da figura.



Fotos: Luiz E.P. Travassos, 2012.

Figura 14 - Detalhe do conduto principal da caverna com um painel com figuras geométricas feitas por incisões na rocha à esquerda. À direita da foto é possível identificar o painel mostrado na figura 10.



Foto: Luiz E.P. Travassos, 2012.

Figura 15 - Detalhe das gravuras do painel da figura 11. À direita, detalhe das incisões geométricas próximas à outra entrada da caverna.

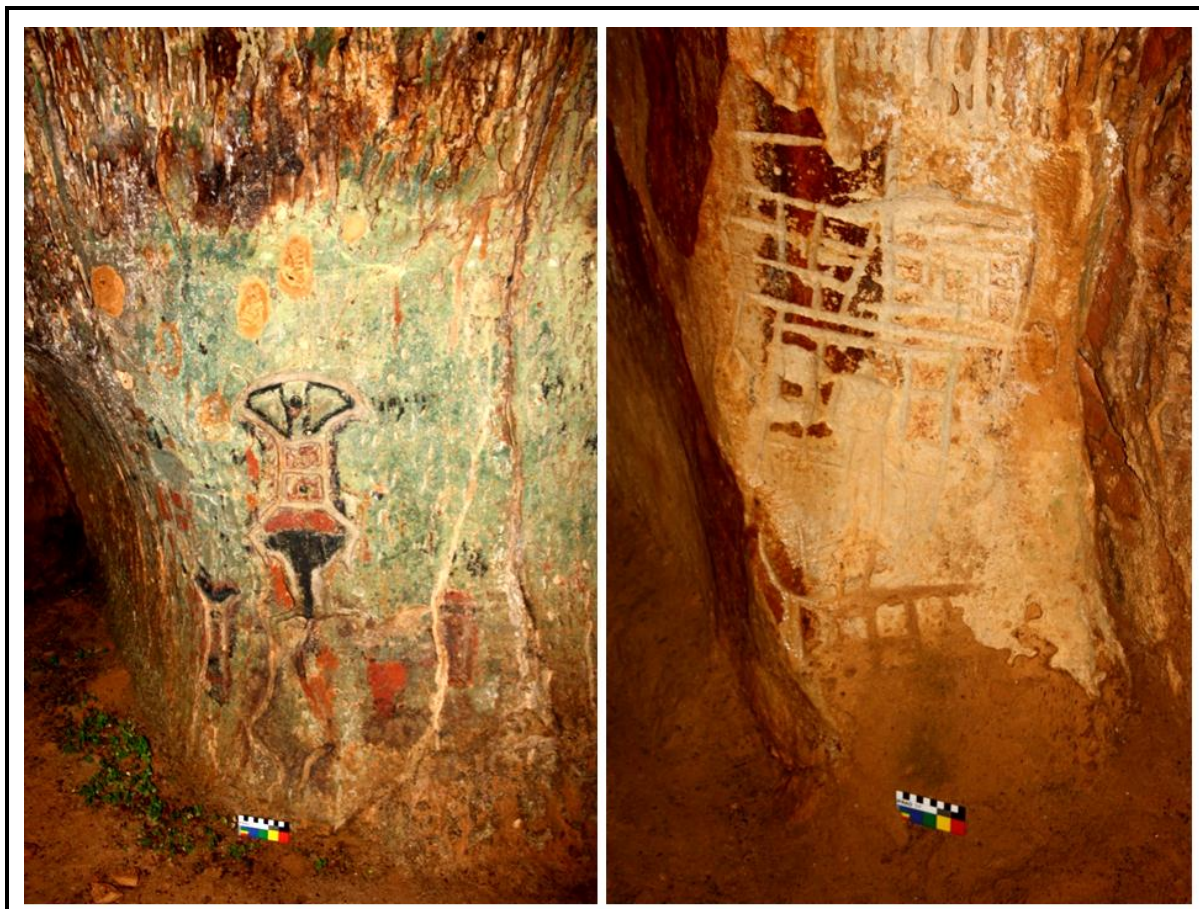


Foto: Luiz E.P. Travassos, 2012.

- **Caverna Caximbão**

Essa caverna está localizada próxima ao Km-135 da Rodovia Transamazônica, também no sentido Itaituba/Rurópolis, nas coordenadas 04°08'9820"S e 55°02'97"W. Desenvolve-se por cerca de 30 metros nos arenitos da Formação Maecuru, Membro Lontra (D2ml) e recebe seu nome por estar próxima à estrada vicinal do Km-135, conhecida como a "vicinal do Caximbão". Possui incisões, mas são as pinturas que se destacam: duas formas antropomorfas inseridas dentro de uma figura geométrica sendo uma feita com pigmento vermelho e outra com pigmento negro. A superfície da parede da caverna onde os

antropomorfos foram inseridos foi raspada e apresenta-se mais plana que o entorno (Figura 16).

Figura 16 - Antropomorfos na caverna do Caximbão. Destaca-se o "preparo" da parede da caverna para a pintura das imagens.



Foto: Rodrigo Motta, 2010.

- ***Caverna das Damas***

Localizada no Km-120 da Rodovia Transamazônica, sentido Itaituba/Rurópolis, possui sua entrada nas coordenadas 4º8"00" S e 55º2'23" W. Desenvolve-se por cerca de 100 metros nos arenitos da Formação Maecuru, Membro Lontra (D2ml). Recebe o nome em função das pinturas rupestres que se assemelham a dois tabuleiros de um jogo de Damas. Um detalhe que merece destaque é o fato da caverna apresentar pinturas no teto e bicromia nas cores branca e vermelha. Entre as duas pinturas geométricas, é possível identificar um antropomorfo na cor branca. Além das figuras geométricas que se assemelham ao tabuleiro, há variedade de antropomorfos e zoomorfos. Destaque deve ser dado

para a utilização do pigmento branco, provavelmente caulinita, fato que não foi registrado nos 111 sítios estudados por Pereira (2003) em outras regiões do Pará (Figura 17). Um painel com incisões também foi identificado (Figura 18).

Figura 17 - Aspectos gerais das pinturas da caverna das Damas. No alto vista geral do painel, e abaixo detalhe das imagens.

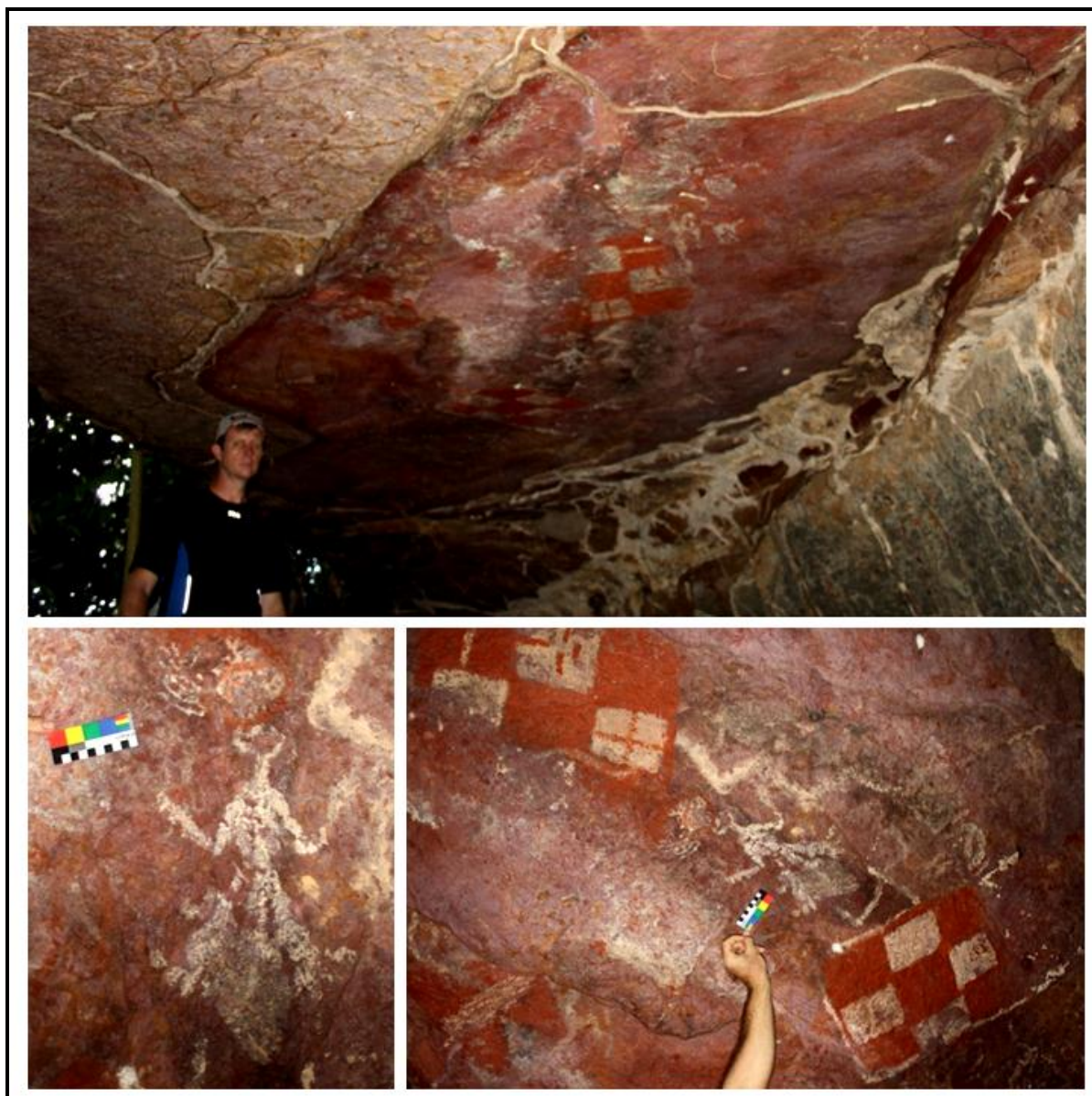


Foto: Bruno Durão Rodrigues, 2012.

Figura 18 - Painéis com pinturas e incisões na caverna das damas. Destaque para as pinturas em bicromia vermelho-branco. O zoomorfo no canto inferior da foto tem cerca de 20 cm.



Foto: Bruno Durão Rodrigues, 2012.

### Considerações finais

O presente trabalho buscou demonstrar que a área compreendida entre o rio Tapajós e o rio Xingu, de Itaituba a Altamira, surge no cenário espeleológico e

arqueológico da Amazônia como uma região promissora para novas descobertas e pesquisas sistemáticas. Gravuras e pinturas foram registradas neste trabalho e precisam ser mais bem estudadas em seu conjunto. Antes de tentarmos estabelecer precisamente quais comunidades ou grupos ocupavam as cavernas da região, é preciso estudar detalhadamente os sítios. Com os dados obtidos neste estudo preliminar, é possível afirmar que a caverna das Mãos é o exemplo mais singular até então. Seu caráter ritualístico não pode ser negado e outros exemplos similares podem ser encontrados na vasta região amazônica.

Para Pallestrini e Moraes (1980), ao realizar um estudo sério da arte rupestre no Brasil, é necessário que o pesquisador ou a equipe realizem observações de painéis inteiros e assim, identifiquem tipo de pintura, sua repartição e associação, realize sua contagem, posição, quais sinais são percebidos e se há a presença de figuras esquemáticas. A visão de conjunto se faz necessária, pois segundo os autores, somente o "conjunto poderá dar uma ideia do simbolismo ao qual se pretende a pintura" (PALLESTRINI; MORAIS, 1980, p.34). Assim sendo, é desejável que arqueólogos, em especial aqueles do Museu Paraense Emílio Goeldi, aprofundem os estudos na região em parceria com espeleólogos, geógrafos e geólogos.

De acordo com Faulkner (1997) existe uma verdade universal em relação ao estudo da pré-história e que as teorias sobre o desenvolvimento cultural estão constantemente sendo revisados a partir do momento em que arqueólogos descobrem novas evidências sobre o passado.

Assim sendo, destaca-se que os autores do presente artigo são, antes de tudo, espeleólogos e geógrafos, fato que os limitam a apresentar propostas mais profundas além da identificação e descrição preliminar dos sítios para futuros estudos.



## Referências

AGUIAR, R. L. S.; OLIVEIRA, J. E. O uso da reprodução digital no registro e catalogação de figuras de arte rupestre em situações de impacto e alto risco. **Diálogos**. DHI/PPH/UEM, p.239-244, 2010.

BAHN, P.G. Art in caves. In: GUNN, J. (ed.). **Encyclopedia of caves and karst science**. New York/London: Fitzroy Dearborn, 2004a. p. 83- 84.

BAHN, P.G. Art: Cave art in Europe. In: GUNN, J. (ed.). **Encyclopedia of caves and karst science**. New York/London: Fitzroy Dearborn, 2004b. p. 90- 91.

BEDNARIK, R. Art in caves: History. In: GUNN, J. (ed.). **Encyclopedia of caves and karst science**. New York/London: Fitzroy Dearborn, 2004a. p.85.

BEDNARIK, R. Art: Cave art in Australasia. In: GUNN, J. (ed.). **Encyclopedia of caves and karst science**. New York/London: Fitzroy Dearborn, 2004b. p.88-90.

COSTA, J.B.S; HASUI,Y. Evolução geológica da Amazônia. p.15-90. In: COSTA, M.L.; ANGÉLICA, R.S. **Contribuições à geologia da Amazônia**. Belém: Sociedade Brasileira de Geologia (SBG), 1997. p. 15-90.

DIAS, M.J.M. **Conhecendo Rurópolis**. Rurópolis: Transgráfica, 2005.

FARACO, M.T.L.; CARVALHO,J.M.A.; KLEIN, E.L. Carta metalogenética da província aurífera do Tapajós. In: COSTA, M.L.; ANGÉLICA, R.S. **Contribuições à geologia da Amazônia**. Belém: Sociedade Brasileira de Geologia (SBG), 1997. 1997. p. 423-444.

FAULKNER, C. H. Four thousand years of native american cave art in the southern Appalachians. **Journal of Cave and Karst Studies**, Washington, D.C., v. 59, n. 3, p.148-153, 1997.

GREER, J.; GREER, M. Dark Zone Pictographs at Surratt Cave, Central New Mexico. In: WISEMAN, R. N.; O’Laughlin, T. C.; SNOW, C. T. **Forward into the past: papers in honor of Teddy Lou and Francis Stickney**. The Archaeological Society of New Mexico, Albuquerque, v. 28, 2002. p. 37-46.

GREER, J.; GREER, M. Dark zone and twilight zone pictographs in U-Bar Cave, Southwestern New Mexico. In: HEDGES, K. **Rock art paper**, San Diego Museums Papers, Vol. 14, 36, 1999. p. 11-19.

GREER, J.; GREER, M. Dark zone rock art in North America. In: HEDGES, K. **Rock art paper**, San Diego Museums Papers Vol. 13, n.35, 1998. p. 135-143.

HUMBOLDT, A.V. **Personal Narratives of travels to the Equinoctial Regions of America during the years 1799-1804 by Alexander Von Humboldt and Aimé**

**Bonpland.** Translated from French by Helen Maria Williams. London: Longman, Hurst, Rees, Orme, Brown and Green, 1827. v.5.

LEITE, N. Arte rupestre na gruta do Índio (MG-JF 17). In: CONGRESSO DA ABEQUA, 3, 1992. **Anais...** Belo Horizonte: ABEQUA, 1992. p. 431-457.

LEITE, N. **O estudo sistemático dos grafismos da Gruta do Índio (Januária-MG) no contexto arqueológico regional.** 1990. 248 f. Tese (Doutorado em Arqueologia) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

MEGGERS, B.J.; EVANS, C. Archaeological Investigations at the Mouth of the Amazon. **Bureau of American Ethnology Bulletin**, v.167, Washington, D.C., Government Printing Office, 1957.

NIMER, E. **Climatologia do Brasil.** Rio de Janeiro: IBGE, SUPREN, 1979.

PEREIRA, E. **Arte rupestre na Amazônia:** Pará. Belém/São Paulo: Museu Paraense Emílio Goeldi/UNESP, 2003.

PEREIRA, E. S. Historia de la investigación sobre el arte rupestre en la Amazonía brasileña. **Revista de Arqueologia Americana**, Ciudad de México, v. 24, p. 67-98, 2006.

STONE, A. Art: Cave art in the Americas. In: GUNN, J. (ed.). **Encyclopedia of caves and karst science.** New York/London: Fitzroy Dearborn, 2004. p.91-93.

PALLESTRINI, L.; MORAIS, J.L. de. **Arqueologia pré-histórica brasileira.** São Paulo: USP/Museu Paulista, 1980.

PROJETO RADAM – **Folha SB-21 Tapajós.** Rio de Janeiro: DNPM – Departamento Nacional de Produção Mineral, 1975. p.287-384.

PROUS, A. **Arqueologia brasileira.** Brasília: UnB, 1993.

SPIX, J.B. Von; MARTIUS, C.F.P. Von. **Travels in Brazil in the years 1817-1820 undertaken by command of his Majesty the King of Bavaria.** London: Longman, Hurst, Orme, Brown and Green, 1824.

STONE, A. J. **Imagens from the underground:** Naj Tunich and the Tradition of Maya Cave Painting. Austin: University of Texas Press, 1995.

TERESO, E. F. M.; GÓES FILHO, L.; FERREIRA, H. C.; VELOSO, H. P., FONSECA, W. N. SILVA, S.B. As Regiões Fitoecológicas, sua Natureza e seus Recursos Econômicos – Estudo Fitogeográfico. In: **PROJETO RADAM – Folha SB-21 Tapajós.** Rio de Janeiro: DNPM – Departamento Nacional de Produção Mineral, 1975. p.287-384.

TRAVASSOS, L.E.P. **A importância cultural do carste e das cavernas**. 2010. 372f. Tese (Doutorado em Geografia), Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2010.

TONER, M. Ancient cavers. **American Archaeology**, Albuquerque, United States, v. 13, n.3, p.12-18, 2009. Disponível em: <<http://www.americanarchaeology.com>> Acesso em: 05 Fev 2012.

VASQUEZ, M.L.; SOUZA, C.S.; CARVALHO, J.M.A. (Orgs.). **Mapa Geológico e de Recursos Minerais do Estado do Pará**. 2008. Escala 1:1.000.000. Programa Geologia do Brasil (PGB), Integração, atualização e Difusão de Dados da Geologia do Brasil. Mapas Geológicos Estaduais. CPRM- Serviço Geológico do Brasil. Superintendência Regional de Belém.

VENTURA, L. M.; D'ÁVILA, L.M.; BARBOSA, G.V. Geomorfologia. In: **PROJETO RADAM – Folha SB-21 Tapajós**. Rio de Janeiro: Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM), 1975. p.117-158.

---

## RESUMO

O município de Rurópolis, no sudoeste paraense, compõe uma região rica em cavernas areníticas, bem como registros rupestres únicos até então. Por esse motivo, o presente trabalho tem por objetivo registrar as representações rupestres de 6 cavernas areníticas da região por meio de fotos e uma descrição geral de cada uma das cavidades. Com visitas de campo e análise de mapas geológico, geomorfológico e de vegetação, caracterizou-se o ambiente no qual estão inseridas as cavernas e se propôs uma primeira aproximação acerca dos painéis rupestres encontrados. Destaca-se que tais cavernas já eram conhecidas por alguns moradores da região, mas somente a partir de 2010 foram cadastradas no Cadastro Nacional de Cavernas (CNC) da Sociedade Brasileira de Espeleologia (SBE). Destaca-se, ainda, que os autores do presente artigo são, antes de tudo, espeleólogos e geógrafos, fato que os limitam a apresentar propostas mais profundas além da identificação e descrição preliminar dos sítios para futuros estudos. No tocante à geografia das representações e à geografia cultural, o artigo cumpre seu papel em registrar tais manifestações e reafirmar o uso ritual das cavernas.

**Palavras-chave:** Representações Rupestres. Cavernas Areníticas. Rurópolis, Pará.

## ABSTRACT

The municipality of Rurópolis, southwestern Pará, comprises a region rich in sandstone caves and unique rock art records so far. Therefore, this study aims to confirm the representations of six sandstone caves with rock art from the region through pictures and a general description of each cave. With field visits and analysis of geologic, geomorphologic and vegetation maps, it was possible to characterize the environment in which the caves are located and propose a first approximation regarding its rock panels. It worth mentioning that these caves were known by some local residents, but only after 2010 they were registered in the National Register of Caves of the Brazilian Speleological Society. It should also be noted that the authors of this paper are, first of all, cavers and geographers, which did not make in depth analysis regarding the rock art, but a preliminary identification and description of the sites for future studies. Regarding the geography of representations and the cultural

geography, this paper accomplishes its function in registering such manifestations and reaffirms the ritual use of caves.

**Keywords:** Rock Art. Sandstone Caves. Rurópolis. Pará.

---

**Sobre os autores:**

<sup>1</sup>Luiz Eduardo Panisset Travassos – <http://lattes.cnpq.br/9118322656718483>  
Geógrafo, Mestre e Doutor em Geografia; Doutor em Carstologia; Professor Adjunto III do Programa de pós-graduação em Geografia da PUC Minas.  
Contato: [luizepanisset@gmail.com](mailto:luizepanisset@gmail.com) / [luizpanisset@uol.com.br](mailto:luizpanisset@uol.com.br)

<sup>2</sup>Bruno Durão Rodrigues – <http://lattes.cnpq.br/1794080614720234>  
Geógrafo, Mestre em Geografia; Doutorando em Geografia pela PUC Minas. Bolsista CAPES  
Contato: [brunodurao@terra.com.br](mailto:brunodurao@terra.com.br)

<sup>3</sup>Aécio Rodrigo Schwertz Motta  
Especialista em Gestão e Educação Ambiental pela ESEA/TO, Membro da Sociedade Brasileira de Espeleologia - SBE 1703  
Contato: [rodrigasmotta@hotmail.com](mailto:rodrigasmotta@hotmail.com)